«Estátua alevantada, essa mulher tão bela,
Surgia aos olhos meus na luminosa tela,
Qual trágica figura, olímpica, orgulhosa,
O vulto escultural de deusa vitoriosa.»

Marianna Belmira de Andrade, *A Sibylla*

MÃE ILHA

«Nessa manhã as garças não voaram
E dos confins da luz um deus chamou.
Docemente teus cílios se fecharam
Sobre o olhar onde tudo começou.

A terra uivou. Todas as cores mudaram
O mar emudeceu. O ar parou.
Escuros véus de pranto o sol taparam
De azáleas lívidas a ilha se cercou.

A que pélago o esquife te levava?
Não ao termo. A não chorar os mortos.
Teu sumo espiritual florido ensina.

E se o mundo em ti principiava,
No teu mistério entre astros absortos,
Suavemente, ó mãe, tudo termina.»

Natália Correia,
Poesia – Sonetos Românticos

Prólogo

Açorada por partir, sôfrega por abandonar a ilha, a jovem Rosário aconchegou-se no xaile e endireitou o lenço. Defrontando o rocio e a agitação do mar, baixou o olhar para as mãos sujas de terra. Suspirou. A tempestade fragilizara as tocas de cana junto à costa rochosa de Santa Clara, e a sua mãe necessitava delas para manter o fogo aceso. Ficavam menos dispendiosas do que as costaneiras de criptoméria.

Há muito que os Açores não eram atacados por piratas. Há muito que tinham perdido a cultura do pastel e a fama de Celeiro do Reino. No fim daquele longo século XIX — longo e penoso século —, o trio intemporal era «Pátria, Rei e Liberdade», mas as pessoas viviam *aisladas*, fechadas em si mesmas. Andavam na rua com uma saudade antagónica. Sentiam-se parte de um museu ao ar livre, como se até o vento tivesse parado no tempo. O resto do mundo mudara, tornara-se algo novo, mas ali havia coisas que tinham ficado iguais, como a imperfeição do Homem ou a inconstância dos vulcões.

Açorada por embarcar para longe dali, debaixo de uma nuvem de gaivotas, Rosário esfolou os joelhos no calhau. A maresia trouxe-lhe a recordação de escamar peixe, de o esventrar e pô-lo a assar,

de todos os anos levar a Coroa do Espírito Santo na procissão e de enfeitar a árvore de Natal com tangerinas. A piquena era exímia a equilibrar a bilha de água sobre a cabeça, mas preferia dançar com os foliões debaixo de um dragoeiro, jogar à cabra-cega ou comer sopas no Pentecostes. Só que o estômago roncou e exigiu-lhe o pão nosso de cada semana, a concentração a fugir-lhe das memórias. Para uma mulher sonhadora, estar acordada era um penar.

E no princípio foi o oceano, antes do verbo, muito antes do verbo e do linguajar arcaico dos ilhéus. Ponta Delgada era uma risca de beira-mar molengona, uma légua de comprida ao sul da ilha. Vivia-se uma vida apoquentada todos os dias da semana, a toda a hora. Nós, as mulheres, vivíamos um tempo espinhoso, de arbítrio masculino. As mais revoltadas não se deixavam definir pelas palavras hipócritas dos homens, sobretudo na forma imerecida de alguns escritores; as mais afirmativas não lhes toleravam o analfabetismo da feminilidade. É simples: eles nada sabem sobre nós! Não sabem que ser mulher é vestir a coragem e a sensibilidade, saber tocar tanto a magia como o sólido, equilibrar o desejo com a justeza. Não sabem que ser mulher é ser mãe do mundo. Desconhecem o que isso significa porque nunca deixaram de ser filhos mimados — até das próprias mulheres.

Açorada por uma vida melhor, Rosário carregou as raízes, aquela lenha inferior, sob um céu ferido com rasgos de calmaria, a bonança prometida. Vigiou a sua mãe com o rosto lavado em agonias, à porta do casebre. A chaga do costume: posses que não chegavam para a semana e o senhorio a ameaçar o mês. Era tempo de mudar alguma coisa. Tempo de agir.

Capítulo Primeiro

Que desconsolo, aquele pesadíssimo disfarce escuro a revestir-nos até aos tornozelos. E o avultado capuz, qual carapaça de tartaruga, a esconder-nos dos olhos do Reino? A vida dentro do capote e capelo podia ser um duelo invencível, sobretudo nos dias húmidos: o bafo ascendia com os nossos suores íntimos e trazia uma aura de incerteza higiénica. Mas não era, de todo, a indumentária apropriada para uma senhora em fuga. Deus nos livre!

Levantando a frente da capa negra e apertando uma galinha agoniada no sovaco, Rosário corria, ofegante, pelas ruas movimentadas da Baixa. As pessoas miravam-na com desdém, fossem homens ou mulheres, de pele clara ou tez escura, bem vestidos ou esfarrapados. A brisa empurrava o capote para trás, descobrindo-lhe o cabelo em ondas castanho-cobre, as sardas semeando-lhe a singeleza dos formosos quinze anos, o sorriso trapaceiro a retratar-lhe a sacanice. Naquela evasão excêntrica, os gestos revelaram a camisa desabotoada, as ceroulas amarrotadas, a imundície dos pés descalços sobre a terra batida, mas também a ousadia da alma. Num tempo prepotente, Rosário atrevia-se a ser dona de si própria.

Era uma manhã de sexta-feira como tantas outras — porque a vida começa às sextas-feiras —, o céu nublado com boas abertas

e a humidade a empurrar o povo para a rua. No ano da graça de 1873, a cidade portuária de Ponta Delgada era o orgulho e a desonra da Pátria, um misto de fome e fartura. Em terrenos mais afastados, viam-se casas senhoriais, palacetes de famílias com empregados e vastas propriedades isoladas pelos seus muros altos de pedra basáltica. Nos arredores da urbe, pobreza de espírito e estradas porcas, onde as mulheres manchavam o friso dos vestidos e os homens escarravam para a lama. No centro, as ruas de terra batida, a azáfama das carriolas, a lábia dos vendilhões e a curiosidade dos forasteiros. Mas o clímax daquele tremor insular era nos Arcos do Cais, o trio de portas abertas ao Atlântico, por onde entravam o progresso, a novidade e as coisas de encher o olho. Para não falar das doenças.

Ao dobrar a esquina, em direção ao Largo da Matriz, Rosário tentou recuperar o fôlego. Puxou o arco do capucho para diante, ocultando-se dentro daquela caverna de pano. Enfiou a galinha irrequieta nas vestes e fletiu os joelhos, encobrindo os calcanhares encardidos com a orla do manto. Agora confundia-se com as outras mulheres encapotadas na multidão do comércio. Deu uma risadinha momentânea, como se aquilo a divertisse sobremaneira.

Os dois que a perseguiam tinham ar de labuta e mãos agrícolas. O mais velho usava suspensórios e carapuça — aquele chapéu de palas largas e tecido azul até aos ombros —, enquanto o outro trazia calções e uma boina castanha. Aproximaram-se com cuidado, espreitando os semblantes das senhoras, mas a penumbra cumpria o desígnio de as esconder da sociedade.

Rosário apreciou a agitação: mercadores na cavaqueira, carrinhos puxados por cabras, garotos descalços com ranho no nariz, lavradores montados nas mulas, velhos com cigarros malcheirosos de folha de milho, porcos à solta, cavalheiros de casaca e cartola, cães a farejar os cantos e carruagens puxadas por cavalos.

— Arre, burra!

Além dos aromas característicos dos bichos e das suas secreções naturais, sentia-se o cheiro a lenha queimada de uma recente

fornada de pão. Era um desfile de pessoas elegantes e horrendas, uma miscelânea de sons, conversas, assobios e estalos de língua, perfumes caros e fedores podres, roupas enfadonhas e tecidos de mil colorações, barbas estranhas e bigodes pontudos, a que se podia juntar o sabor da delicada liberdade islenha. Toda a gente deseja conhecer a ilha, mas poucos a querem habitar.

Súbito, um leve cacarejar debaixo do véu. Rosário arregalou os olhos ante o imprevisto! Acariciou as penas da galinha, mas talvez o calor fosse demasiado. A garrulice denunciou-a.

— Agarra essa ladrona! — acusou o dos suspensórios.

Sem sequer olhar para trás, Rosário alçou novamente a frente do manto e lançou-se, permeando o tropel em ligeireza incómoda. Causou queixas e protestações, naquele escândalo que era uma mulher apressada na rua, quase tão repreensível como se fumasse. Dobrou outra esquina e bateu à primeira porta. Com a demora, esmurrou-a, e logo se abriu, mostrando um indivíduo alto como uma araucária.

— O que foi?

Ele era um bom espécime; vestia uma camisa branca alisada, calças de tecido gracioso, e usava sapatos pretos reluzentes. Esbaforida, despenteada e com o capote rendido, Rosário entregou-lhe a galinha, não nos melhores modos de donzela, deliberando:

— Desconte na renda!

Ele entreabriu os lábios para dizer que aquilo não chegava para saldar a dívida, mas ela já tinha arrancado em nova evasiva, logo antes de ressurgirem os dois perseguidores. Rosário guinou em direção à Matriz, o amplo coração da metrópole. Passou pelo chafariz de mármore defronte da Câmara, pelos açougues azulejados, e avistou as barbearias da paróquia no lado sul da igreja, onde o latoeiro, o amolador e o senhor Miranda das sanguessugas conversavam. Com agilidade, serpenteou por barris de tintol, ignorou a mercearia do canto do Pasmatório, furou os Arcos do Cais, desceu a escadaria das arcadas, até sentir a maresia e os batéis a ranger contra as amarras, e voltou a subir pelos outros degraus do passadiço.

Ao virar para a Alfândega, foi surpreendida pelas mãos portentosas do lavrador de carapuça, que lhe sacudiu o traje com violência.

— A minha galinha?

— Qual galinha? — escarneceu Rosário, tentando soltar-se dos braços de chumbo e do hálito avinhado.

O que se seguiu foi masculinidade vulgar: o rapaz dos calções encheu a boca de cuspo e projetou-o na face de Rosário.

— Tu e tua mãe são a vergonha da cidade! Vais pagá caro a galinha!

Determinada, ela rodopiou dentro das vestes e libertou-se, ficando em ceroulas, camisa interior, a patrona a tiracolo e um véu de coragem. Sentiu as sardas a afoguear e ajeitou o cabelo para trás da orelha, como se ficasse repentinamente apresentável com aquele pequeno gesto. Cerrou o maxilar e deu dois passos decididos, antes de arrojar um pontapé nas virilidades do cuspidor, que se ajoelhou e contorceu o corpo pelo chão como uma minhoca.

Funcionários da Alfândega e curiosos avizinharam-se, sedentos de pancadaria. Uns lançaram impropérios a Rosário, outros assobiaram-na de alto a baixo, enquanto os restantes ridicularizaram os lavradores. Todos fumavam, ou acenderam cigarros, e também pareciam apostar nos possíveis desfechos da altercação.

O indivíduo da carapuça alheou-se do capote vazio e preparou-se para atacar aquela indecorosa em roupa interior. Como se atrevia ela? Para ele, o lugar das mulheres era na vontade dos homens. Havia de ser sua filha, aquela adolescente emporcalhada, e teria o lombo vergastado todos os dias até encarreirar na vida.

Rosário começou a saltitar diante dele e agitou os punhos em atitude de boxeadora. Esquivou-se das investidas — uma autêntica acrobata! — e evoluiu para tentativas de agressão, que originaram ovações da assistência, aplausos misturados com apupos. Terminou com um belo soco no nariz do acossador. Ultrajante.

Depois de conferir o sangue no nariz, a resposta dele foi sacar de uma navalha. O gesto fez subir o tom do círculo que os apertava, chamando mais plateia do cais novo.

Rosário ainda evitou a lâmina duas vezes, graças ao desembaraço de cintura, mas ficou encurralada na berma do cais. Sofreu um corte no braço e sentiu o olho rasgar-se com uma punhada. A sorte não durava para sempre. Para uma mulher naquele tempo testicular, a sorte e o respeito vinham a conta-gotas: pingos de suor a cada hora, lágrimas salgadas a cada dia, respingos de sangue a cada lua. Caiu na água.

Capítulo Segundo

Os sons tornavam-se mais nítidos a cada encosto da toalha no sobrolho rasgado da adolescente. As mãos delicadas da sua cuidadora pareciam conduzir uma orquestra sincronizada numa cadência deliciosa, ensopando o tecido na bacia de barro, escorrendo o excesso de água fervida, iniciando cada novo afago com amor.

Com as sardas descoradas, Rosário abriu os olhos com delonga. Deparou-se com a pequena divisão em quatro paredes caiadas: um crucifixo de dois palmos defronte do leito, a coroa prateada do Espírito Santo sobre o naperon da cómoda e uma mesinha de cabeceira com o castiçal e um livro — era de Camilo Castelo Branco. Sentiu um arrepio, apercebendo-se dos trajes menores, e logo puxou o lençol até ao pescoço. Foi quando apreciou aquele sorriso familiar e intercedeu:

— Tia Clara… está de freira?

— Gostas? — A mulher ajeitou o hábito e fez uma expressão divertida, com um rosto tão gracioso como o de uma santa. — E é mais fresco do que a tua saca de batatas!

Rosário sentou-se na cama e observou o capote e capelo dobrado sobre as costas de uma cadeira. Tinha sido bem tratado. Apalpando o ardor da ferida, quis saber que lugar tão cheiroso era aquele.

— Estamos na Esperança, rica da minh'alma! — Clara levantou-se e abandonou o pano na água, antes de lhe entregar roupas. — Pega nas ceroulas. Veste, vá!

— Titia, o que faz no convento? Não sabia dessa vocação. — Dizendo-o, apalpou os tecidos, apreciando a qualidade das bainhas. — Não tem medo dos freiráticos?

— Ai, sagrada… aqui não preciso de contar o dinheiro. Tenho comida e roupa lavada. Mas devias perguntar é o que *tu* fazes aqui! Co olho negro e o braço traçado! Trouxeram-te nesses modos. Se a minha irmã descobre o que tu aprontaste…

— A mamã sabe… que eu saí.

— E sabe que roubaste?

— A galinha… 'tava à solta, titia.

Rosário fechou a camisa e voltou a sentar-se.

— E sabe que fugiste? E que bateste num homem? Quando quiseres levar pancadaria, vais à Arquinha. Ali tratam-te bem! E se fores de noite ainda te furam o vestido entre as pernas!

Soaram batuques na parede e uma voz abafada a reclamar. Clara benzeu-se e rogou perdão à cruz, antes de rumorejar:

— E o teu pai?

— Ele não é mê pai!

— Ai, sagrada… mas não tem trabalhinho?

— 'Tá enfermo. Ele e o laranjal do morgadio.

— A laranja tem os dias contados, já se sabe. Salve-se quem puder, minha Nossa Senhora da Conceição! Ele que vá às estufas dos ananases, que querem pessoal.

— Titia… a gente vai embarcá…

— O que é?! Quando? Pra onde?

— Amanhã… para o Império.

A notícia deixou Clara boquiaberta. Durante o silêncio desconfortável, a esposa de Deus aproximou-se até sentir o odor natural da sobrinha e advertiu:

— Não faças essa tontaria! A tua mãe não lê os jornais? É perigoso!

— Eles pagam bem nas colheitas, titia. Minha mãe vai ser criada de casa numa fazenda grande! Tantos que já voltaram ricos. E… eu também quero viajar!

— Eh, tu conheces a Ribeira Grande?

— Eu? N-não.

— Mas devias, porque fica aqui na ilha onde tu nasceste! Nunca meteste os pés fora da cidade e vais para o Brasil? Homessa!

Entoaram novos batuques da divisão adjacente, e a tal voz abafada. Clara revirou os olhos e voltou a benzer-se. Sussurrou que a vida noutro país podia ser um tiro cego e que a ganância era um pecado mortal. Depois retirou um terço e, num ritual ponderado, entregou-o à sobrinha. Um símbolo da fé que a ligava à Virgem Maria e ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, o ápex da religiosidade micaelense.

Rosário apertou as contas de madeira com força, como se partilhassem do mesmo desassossego. Viu as pontas dos dedos a esbranquiçar e sentiu uma constrição na voz. Era o melhor presente que podia receber, aquele objeto seu homónimo: o rosário de Rosário. Clareou a garganta e, com o lábio a tremer, balbuciou apenas um «obrigada».

Clara envolveu-a num abraço que só as mulheres compreendem, de amiga para amiga, e a sobrinha soluçou sobre o seu ombro:

— Preciso de um milagre, titia.

— Estás no sítio certo, meu amor.

E secou-lhe as sardas, ajeitou-lhe o cabelo castanho-cobre e ajudou-a a vestir o capote.

Seguiram pelos misteriosos corredores do Convento de Nossa Senhora da Esperança, atravessaram o claustro e entraram lateralmente na igreja com o mesmo nome. Num dos extremos, o brilho da talha dourada na capela-mor, em arco, sobre o altar elevado e majestoso; no comprimento das suas transversais, os painéis de azulejos que contam a vida de Madre Teresa da Anunciada; no lado oposto, o espesso gradeamento a separar os fiéis de *Ecce Homo*.

Respirava-se um perfume característico, o bálsamo flóreo que milhares de pessoas procuravam nas peregrinações àquele templo. O andor sagrado era forrado por centenas de flores, um amparo colorido à escultura de madeira de Jesus martirizado, de punhos atados nas duas voltas de pérolas, coroa espinhosa de ouro e mil pedras preciosas, e o intenso olhar, a expressão mais profunda que Rosário conhecia — e viria a conhecer. A cada passo em direção à moldura enflorescida, o sangue pulsava-lhe mais quente nas veias de moça, o incenso a acariciar-lhe as narinas perfeitas. Estremeceu ao apreciar em mais detalhe o torso despido e flagelado da imagem, sob o calor da capa rubra de adornos cintilantes, o relicário a tapar-lhe a abertura no peito e, dizia o povo, a resguardar o Santo Lenho: uma lasca da cruz primordial. Na mão direita de Cristo, o cetro em forma de maçaroca dourada. Sobre a cabeça, o resplendor, a peça mais valiosa do tesouro, e os mistérios da sua simbologia.

Mas o que aquecia a alma de Rosário, agora tão perto que podia segredar a Deus, não era o preço das joias, o peso do ouro, nem sequer o fulgor da prata. Era a paleta de cores, as pinceladas a cada centímetro do andor, em cada pétala uma tonelada de fé; era o eflúvio dos pólenes, uma sopa de amores-perfeitos a nutrir a crença em algo superior à injustiça da vida; mas sobretudo aquele olhar, a expressão angustiada e sujeitada aos pecadores.

— Hoje, o meu Amigo está mais triste, titia… — observou Rosário, inclinando a cabeça. — Não achas?

— Pede o teu milagre, querida.

Rosário fechou os olhos e deixou que a negridão tomasse conta. Vieram-lhe memórias em relâmpagos do Cais Novo, os homens a rir dela, o soco na cara e a queda ao mar. Ficar ali a boiar sob a luz do dia. Imagens da sua mãe a chorar, a cuidar de um homem doente, agredida por ele, a limpar a casa, a entreter outros homens, a gemer e a receber moedas. Quando Rosário abandonou as lembranças, apoiou-se na tia, como se fosse cair. Depois estendeu o braço com vagar. Sentiu a capa aveludada do Senhor na ponta dos dedos… e o peso do mundo desapareceu-lhe dos ombros.

Despediram-se à porta da igreja: a tia a oferecer beijos e conselhos; a sobrinha a moderar ambas as tentativas. Fez-se ao Campo de São Francisco, o amplo terreiro que a levaria a casa. Atravessando a primeira linha de árvores e bancos de jardim, ainda a freira Clara dizia adeus, Rosário conferiu o *Amor de Perdição* na patrona, debaixo do capelo, e sorriu. Ninguém tinha reparado.

Capítulo Terceiro

A tarde anunciava o seu fim quando Rosário bateu à porta. Caminhara poucos minutos desde o convento. Cruzara o Campo, a ruela defronte do Forte de São Brás e o Mercado do Gado, sempre atenta às cercanias, desconfiando dos vultos que não o seu próprio. Diz-se que Deus atribuiu o anoitecer aos machos, pelo inerente perigo para as mulheres que ousem enfrentar o mundo àquelas horas. Coitadas de nós, criaturas de boa intenção, reservadas em casa para não sair ao perigo! Mas por que raio seriam as ruas perigosas, afinal? Talvez pela presença de demasiados homens.

Diante daquele retângulo de madeira velha, serventia do casebre de pedra e argila onde vivia, arrepiou-se com o ventinho de Santa Clara a invadir o capote e capelo e a roçar-lhe as pernas, como se prenunciasse pancada de água. Teve também uma impressão no fundo da barriga. Compensou-se folheando velozmente todas as páginas do seu novo livro e recebendo o cheiro do papel. «Não há baliza racional para as belas, nem para as horrorosas ilusões, quando o amor as inventa.» Ansiava por lê-lo.

As dobradiças rangeram ao expor Adelaide, sua mãe. Fumava a pirisca de um cigarro açoriano e tinha as mãos encarvoadas das

brasas. Se não me falham as contas, andava ela nos trinta e três anos de cansaço formoso. Aquela face de boneca, certamente modelada por um oleiro meigo, os cabelos como ouro pirata, os lábios desenhados na regra divina e as mamas a espreitar por cima do vestido apertado. Os odores dela, de cuidadora, eram naturais e difíceis de esquecer.

Adelaide notou a sobrancelha acidentada da filha e deu mais uma passa, franzindo a boca em desprezo. Decidia o que fazer com a fedelha diante de si, sopesando os possíveis castigos. Ofereceu-lhe um estalo nas sardas do lado contrário à ferida, mais ruidoso do que doloroso.

— Andaste à porrada! Não tens vergonha? Eu a precisar de ajuda e tu pela rua com o meu capote… Chega-te mas é aqui pra dentro!

Pressionada pela mãe, Rosário cruzou o breve corredor de terra batida, ignorando a moldura de Nossa Senhora da Conceição na parede de barro quebradiço. Pela porta do único quarto, conferiu o padrasto amaleitado a segurar os vómitos. Teve o impulso de tapar o nariz, pois tresandava a bode não castrado e a chulé avinagrado. Era a única divisão com sobrado de madeira, uma mistura de tábuas novas e antigas, buracos e frinchas. Havia duas malas de cartão com roupas, pela metade.

Rosário avançou até ao meio da casa, onde pousou o terço e o *Amor de Perdição* sobre o colchão de folha de milho. Desenroupou o véu pesado e meteu-se em camisa e avental, tudo sem chiar nem tugir. Na cozinha, abasteceu a lareira, retirou brasas para o ferro da roupa — queixando-se de pelar os dedos — e passou por água um molho de couves. Golpeou um punhado de castanhas e aferventou-as na panela de ferro sobre a fogueira, antes de engomar dois vestidos na mesa onde também se comia. Havia morcelas e chouriços pendurados a defumar, um saco de feijão a um canto e um boião de banha sob o tampo.

Repetiu-se-lhe aquela perturbação no fundo da barriga, e Rosário deu por si com fios de sangue pelas pernas abaixo. Saiu para o quintal de erva daninha e evitou espezinhar os pintainhos, sentindo os

fedores do curral do porco. O rabo de ciclone abanou a folhagem da bananeira, desarranjou-lhe os cabelos e acariciou-lhe as bochechas com uma chuvilha irritante. A adolescente entrou na retrete e sentou-se no tampo de madeira com abertura, aquela moderna obra de arte rústica. Sempre com o receio de que alguma barata gorda lhe roçasse as nádegas, tratou dos asseios com uma toalha apertada nas partes pudendas. Ao voltar, a mãe limpava o chão de terra alisada — porque a casa podia ser pobre, mas nunca empobrecida — e dizia:

— Não toques na comida… eu acabo. E caluda amanhã, senão não nos deixam embarcar. Vais aproveitar para tomar banho geral! Acende as candeias.

Colocando um pé encardido de cada vez, Rosário entrou na selha, aquele alguidar grande posicionado ao centro da cozinha, e aguardou que a mãe despejasse a água tépida sobre si. A jovem torneava-se com o advento da puberdade: pescoço esbelto, ombros salientes, seios a apontar para o firmamento e anca redonda sobre pernas de gazela. Foi esfregada com vigor, tal como uma semana antes, até que o conteúdo da pana turvou e os arrepios começaram. Os sopros da intempérie desciam pela larga chaminé e passavam pelas frestas das portas, postigos e paredes, arrepiando-lhe a pele, rasando a ferida no sobrolho, tiritando o queixo, endurecendo-lhe os mamilos.

Nas sombras duplicadas pelo tremor das chamas, a mãe secou a filha com afinco, os braços para cima e para baixo, os suspiros de amor, aquele olhar de genetriz dedicada, mesmo que sem riqueza, trabalho ou ambições, e sem nenhuma explicação para a origem das próprias forças. Enrolou-lhe a toalha nas estreitezas, entregou ceroulas lavadas, penteou-a diante do espelho no meio da casa, tratou-lhe da ferida sobre o olho e serviu-lhe o jantar: caldo de couves e castanhas cozidas. O segredo das almas quentes. Foi ainda alimentar o enfermo no quarto, uma colherada de cada vez, um sacrifício de cada vez, uma esperança de cada vez. Só no fim comeu e se alimpou.

Depois sentou-se ao lado da filha, no colchão de folha de milho. Cheirou um cigarro e acendeu-o. Observou-lhe as sardas e a voracidade de leitura, compenetrada nos parágrafos, e interveio:

— Onde é que arranjaste isso?

Rosário demorou na resposta.

— É emprestado.

Adelaide baixou a cabeça, chupou o cigarro e prenunciou:

— Já nem sei se vamos amanhã… com o Elias assim, não deixam. Podemos esperar pelo próximo barco.

— Mãe, isso vai demorar! — Rosário fechou o livro e insinuou: — Qual é a vontade dele? Pode ser que… que não queira ir naquele estado. A gente levou tanto tempo para juntar o dinheiro!

— O maior quinhão é *dele*! Se não fossem os fretes da laranja, não embarcava ninguém! — Adelaide apertou as têmporas e deu uma longa passa, antes de acrescentar: — Como é que fazias, sem passaportes? Toma tino!

O *Amor de Perdição* reabriu-se, perante os olhos dardejantes de Rosário, mas a leitura engatou-se-lhe numa vírgula — até hoje não se deverá recordar de qual. Fechou o livro com força e enfiou-se no cobertor. Esperou que a mãe lhe beijasse a testa e fosse embora, para então retirar o terço do travesseiro de estopa. Rezou.

Mas só vieram recordações intrusivas: as tardes inteiras passadas nos pastos, naquela sensação de liberdade; as ervas longas a roçar os dedos; os pés descalços sobre a terra; o som dos chocalhos das cabras; as vacas a mugir; cães raivosos a ladrar; e o pio do milhafre — sempre o pio do milhafre. Mas logo lhe vieram clarões da fuga pela cidade grisalha, de cortar as ruas trajando aquele véu negro, o pontapé nos entremeios do perseguidor e o soco vingativo que a arremessou ao mar. Veio ainda a longa, longa espera pela ajuda, como se o Atlântico e as Ilhas Adjacentes não fizessem parte do Reino, não merecessem rei.

O guindaste que a retirou da água foi, nada mais, nada menos, um par de braços portentosos. Foi o vigor de Josué, o filho primogénito dos morgados, donos dos morgadios — que, por sua vez,

eram os patrões do seu padrasto Elias. A família de Josué enfrentava o bicho devorista das laranjeiras há uma década, a tal crise da exportação para Inglaterra, mas mantinha as receitas provenientes das rendas agrícolas. Era gente que interessava.

Na recordação de Rosário, Josué deitou-a na parte de trás de uma pequena carruagem e ainda apanhou o capote e capelo do chão sujo, perante as vaias da audiência — os arruaceiros dispersavam como ratos. O rapaz estreitou os lindos olhos negros, decidido a salvar a donzela, a fazer jus ao cavalheirismo juvenil, e incitou o cavalo pelas ruas, em grande velocidade. A negrura dos cabelos dele a ondular à brisa húmida, a postura donairosa dos príncipes, a coragem dos valentes cavaleiros da Coroa e os ombros mais rijos do que a fúria dos leões. As molas do faetonte amorteceram as covas até ao Convento de Nossa Senhora da Esperança, deixando uma nuvem de pó ao domar o Campo de São Francisco. O jovem morgado apeou-se e bateu na grossa portada com a mão aberta.

Interrompendo o sono leve de Rosário, aquele som cadenciado das suas memórias misturou-se com as verdadeiras insistências à porta da sua casa. Era já madrugada, declarava o canto do galo, e havia alguém com urgência para entrar.